

BIOECONOMIA DE CASTANHA-DO-BRASIL NO NOROESTE DO ESTADO DO MATO GROSSO, BRASIL

Maria Corette Pasa¹
Karoline Assuero Cintra Ferreira²
Camila Pasa³

RESUMO: O estudo sobre a cadeia produtiva da castanha-do-Brasil e sua relação com a etnobotânica e a bioeconomia, tendo como foco a COOPAVAM, cooperativa localizada no noroeste de Mato Grosso. O objetivo é compreender como funciona essa dinâmica produtiva, identificando avanços e desafios do setor por meio de pesquisa qualitativa e análise de custo-efetividade. A escolha da COOPAVAM é relevante por sua atuação no extrativismo e beneficiamento da castanha-do-Brasil, atividade associada ao desenvolvimento regional e à valorização dos produtos florestais não madeireiros. Os resultados destacam que o aproveitamento da castanha-do-Brasil para a produção de amêndoas, óleo e farinha diversifica a cadeia produtiva, ampliando as oportunidades de geração de renda e reduzindo a dependência da comercialização de um único produto. A organização da cooperativa e as certificações obtidas pela COOPAVAM fortalecem a inserção da produção em mercados mais abrangentes, agregando valor aos produtos e contribuindo para a valorização da sociobiodiversidade e a bioeconomia amazônica.

Palavras-chave: Etnobotânica, Economia sustentável, Amazônia mato-grossense.

BIOECONOMY OF BRAZIL NUTS IN THE NORTHWEST OF THE STATE OF MATO GROSSO, BRAZIL

ABSTRACT: This study examines the Brazil nut production chain and its relationship with ethnobotany and the bioeconomy, focusing on COOPAVAM, a cooperative located in northwestern Mato Grosso. The objective is to understand how this production dynamic functions, identifying advances and challenges in the sector through qualitative research and cost-effectiveness analysis. COOPAVAM was chosen because of its role in the extraction and processing of Brazil nuts, an activity associated with regional development and the valorization of non-timber forest products. The results highlight that the use of Brazil nuts for the production of kernels, oil, and flour diversifies the production chain, expanding income generation opportunities and reducing dependence on the commercialization of a single product. The organization of the cooperative and the certifications obtained by COOPAVAM strengthen the insertion of its production into broader markets, adding value to the products and contributing to the valorization of socio-biodiversity and the Amazonian bioeconomy.

Keywords: Ethnobotany, Sustainable economy, Amazon region of Mato Grosso.

¹Dra. Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais e Ambientais, PPGCFA. Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT. Cuiabá. MT.

²Mestranda Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais e Ambientais, PPGCFA. Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT. Cuiabá. MT.

³Dra. Universidade de Cuiabá. UNIC. Cuiabá. MT.

INTRODUÇÃO

A castanheira-do-Brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) é um dos mais conhecidos produtos florestais não madeireiros do mundo. Sua área de ocorrência abrange as regiões Amazônicas, estendendo-se da Bolívia, Peru e Brasil, até parte das Guianas, compreendendo o Suriname, as Guianas e o sul da Venezuela, na região do Rio Negro (Mori & Prance, 1990).

A castanheira desempenha um importante papel também nas condições de vida das pessoas envolvidas na coleta, processamento e comercialização das castanhas e de seus produtos derivados (Gardner e Costi, 2014). O extrativismo de produtos da biodiversidade também contribui para a manutenção e conservação de sistemas ecológicos e serviços ambientais, podendo ser considerado um componente vital à economia de regiões da Amazônia, pois promove o autossustento de famílias, movimentando mercados locais e regionais, e causa baixo impacto em ecossistemas hídricos e florestais (Simoni, 2010).

A combinação entre o modo de produção extrativista e a economia solidária abrem caminho para a sustentabilidade. Nesse sentido, a COOPAVAM contribuiu para a expansão do extrativismo da castanha-do-Brasil, que se fortaleceu através do apoio de entidades públicas e privadas, com projetos que financiaram a produção e a comercialização dos produtos oriundos da castanha (Nunes et al. 2014).

A cadeia produtiva da castanha-do-Brasil representa uma das principais atividades extrativistas da Amazônia, envolvendo milhares de famílias e contribuindo simultaneamente para a geração de renda e para a manutenção da floresta em pé. Estudos recentes destacam que a comercialização da castanha está inserida em sistemas socioecológicos complexos, nos quais fatores relacionados à organização produtiva, governança local, acesso a mercados e agregação de valor influenciam diretamente os resultados econômicos e ambientais obtidos pelas comunidades envolvidas (Guariguata et al., 2017). Apesar dessa relevância, ainda são escassos estudos que descrevam de forma integrada a atuação de cooperativas localizadas no noroeste do estado de Mato Grosso, especialmente sob a perspectiva da bioeconomia e da valorização da sociobiodiversidade

regional. Diante desse contexto, o objetivo do estudo é registrar a atuação etnobotânica e a bioeconomia da Cooperativa dos Agricultores do Vale do Amanhecer (COOPAVAM), no município de Juruena – MT, considerando a contribuição da organização como modelo de cooperativa na preservação ambiental da região Noroeste de Mato Grosso, através do extrativismo da castanha-do-Brasil gerando renda e desenvolvimento sustentável através da produção de alimentos saudáveis.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

A Cooperativa dos Agricultores do Vale do Amanhecer - COOPAVAM foi criado no ano de 2008, a partir do interesse dos beneficiários do Programa de Reforma Agrária Federal do Projeto de Assentamento Vale do Amanhecer, localizado à margem direita do rio Juruena na zona rural do município de Juruena, região noroeste do Mato Grosso (Figura 1).

O P.A Vale do Amanhecer possui área de 14.751,07 hectares, sendo 7.499,74 hectares dividido em 250 lotes e 7.251,33 hectares destinados à área de Reserva Legal do assentamento, inserido na formação florestal do tipo Floresta Ombrófila Aberta sub-formação

com Palmeiras, área da Reserva Legal Comunitária é preservada e possui alto potencial para o extrativismo da castanha do Brasil.



Figura 1. Unidade industrial da COOPAVAM no P.A Vale do Amanhecer, Juruena-MT.
Fonte: Acervo dos autores. 2026.

O projeto da COOPAVAM também atua em parceria com comunidades indígenas das etnias Apiaká, Kaiaby, Munduruku e Cinta Larga, abrangendo os municípios de Apiacás, Aripuanã, Colniza, Juara, Juína e Juruena (Figura 2).

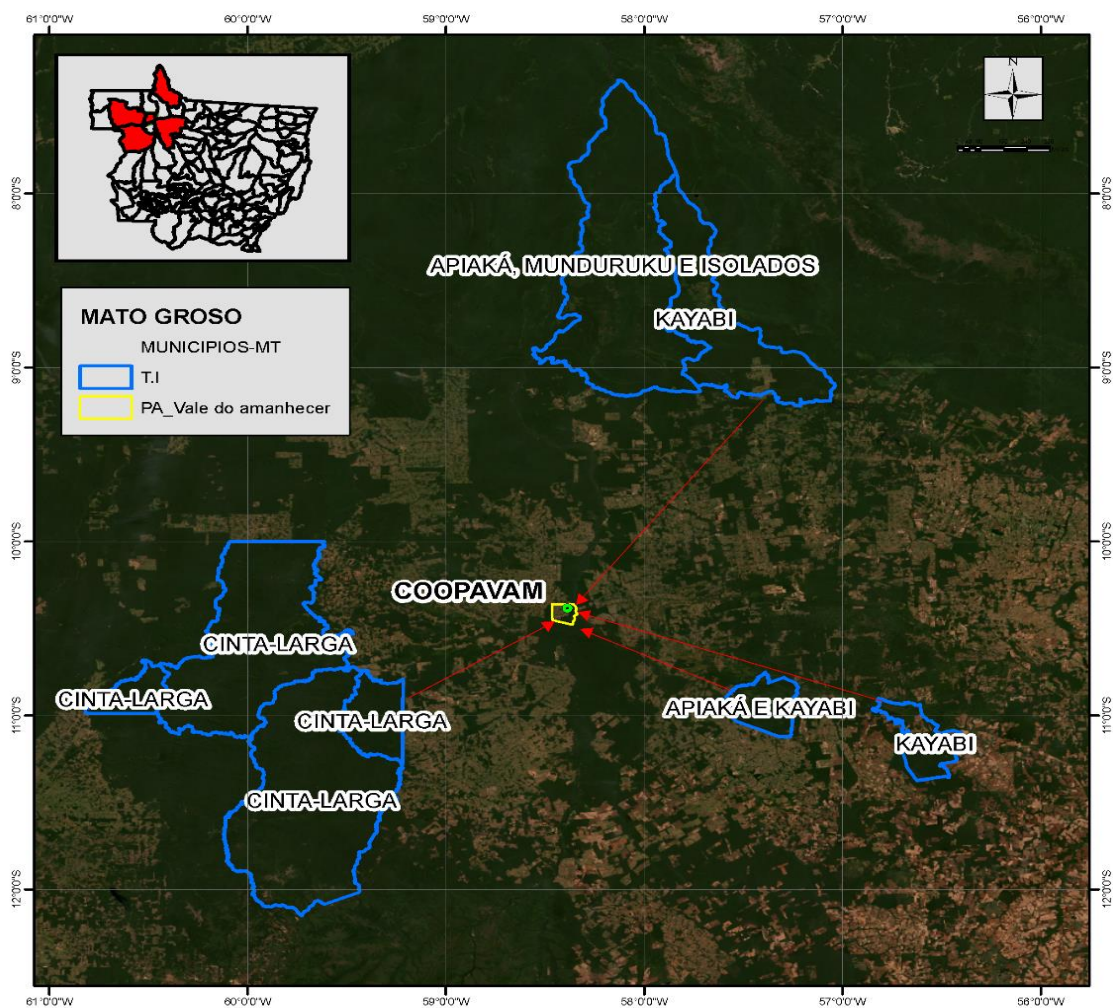


Figura 1 – Área de abrangência da COOPAVAM e localização das Terras Indígenas.
 Fonte: Acervo dos autores. 2026.

METODOLOGIA

Coleta de dados

Para obtenção dos dados desta pesquisa, optou-se pela realização de uma entrevista com a presidente da Cooperativa dos Agricultores do Vale do Amanhecer (COOPAVAM), mediante assinatura de Termo de Anuência Prévia, a entrevista foi realizada pela plataforma de reunião do Google Meet.

Foram abordados temas sobre o perfil socioeconômico dos associados que trabalham no beneficiamento da castanha na base da cooperativa, perfil socioeconômico dos coletores da castanha-do-Brasil, a cadeia produtiva da castanha, produção anual e principais formas de comercialização dos produtos beneficiados e o registro fotográfico foi realizado após, durante visita técnica no P.A Vale do Amanhecer com a finalidade de obter informações pertinentes aos assentados. Eticamente a pesquisa está amparada pela Aprovação do Comitê de Ética Seres Humanos – CEP – UFMT, de CAAE nº 78947824.2.0000.8124 e Número do Parecer: 7.160.593, 2024.

A entrevista foi conduzida na modalidade semiestruturada, utilizando roteiro previamente elaborado contendo questões relacionadas aos aspectos socioeconômicos, produtivos e comerciais da cooperativa. As informações obtidas foram organizadas de forma

descritiva e interpretadas à luz da literatura relacionada ao extrativismo, ao cooperativismo e à bioeconomia amazônica.

Posteriormente, realizou-se visita técnica ao Projeto de Assentamento Vale do Amanhecer para registro fotográfico das etapas produtivas e obtenção de informações complementares sobre a dinâmica operacional da cooperativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aspectos socioeconômicos

Os dados obtidos evidenciam que a COOPAVAM desempenha importante papel socioeconômico na região noroeste de Mato Grosso, especialmente por promover oportunidades de trabalho e geração de renda em comunidades rurais e indígenas. Entre os associados diretamente envolvidos no beneficiamento da castanha-do-Brasil, observou-se predominância de mulheres, com faixa etária entre 25 e 60 anos e renda familiar média em torno de um salário-mínimo e meio. O baixo nível de escolaridade identificado entre os trabalhadores reflete uma realidade frequentemente observada em comunidades amazônicas dependentes de atividades extrativistas, nas quais o acesso à educação formal ainda representa um desafio histórico.

A participação feminina nas etapas de beneficiamento merece destaque, uma vez que demonstra o potencial da cadeia produtiva da castanha como instrumento de inclusão produtiva e fortalecimento econômico das mulheres rurais. Em diversas experiências amazônicas, o beneficiamento de produtos florestais não madeireiros tem contribuído para ampliar a autonomia financeira feminina e fortalecer organizações comunitárias. A predominância feminina nas etapas de beneficiamento indica que a cadeia da castanha-do-Brasil também pode funcionar como espaço de inserção produtiva para mulheres rurais. Essa interpretação encontra respaldo em estudo realizado com mulheres agroextrativistas do Alto Cajari, no Amapá, no qual o beneficiamento da castanha esteve associado à geração de renda, ao fortalecimento da autonomia econômica e à ampliação da participação feminina em atividades coletivas de produção (Santos, 2021; Oliveira Junior et al., 2026).

Além da geração de renda, iniciativas baseadas no beneficiamento da castanha-do-Brasil têm sido associadas ao fortalecimento da autonomia feminina. No estudo conduzido por Santos (2021), as participantes relataram aumento da autoestima, ampliação das redes de relacionamento e maior participação em decisões relacionadas às atividades produtivas coletivas, evidenciando que os benefícios dessas iniciativas extrapolam os aspectos estritamente econômicos.

A atividade extrativista também se mostrou relevante para a geração de renda sazonal. Durante o período de safra, os coletores permanecem grande parte do dia na floresta realizando a coleta dos ouriços, atividade que exige esforço físico considerável e amplo conhecimento do ambiente natural. Apesar dessas condições, a remuneração obtida ao final da safra pode representar importante complemento financeiro para as famílias envolvidas, evidenciando a relevância econômica da castanha-do-Brasil para a manutenção sustentável de vida local. O extrativismo é significativo enquanto gerador de renda sazonal para as famílias locais. Estudos com coletores de castanha na Amazônia também descrevem a coleta como uma prática marcada por esforços, riscos e saberes ecológicos adquiridos pela convivência com a floresta (Souza et al., 2023).

Outro aspecto relevante é a ampla participação das comunidades indígenas na cadeia produtiva. Segundo as informações obtidas, aproximadamente 90% da matéria-prima adquirida pela cooperativa é proveniente de territórios indígenas. Esse resultado demonstra que a atividade extrapola os limites do assentamento Vale do Amanhecer e constitui uma rede

regional de produção baseada no uso sustentável dos recursos florestais, promovendo integração entre diferentes grupos sociais e contribuindo para a valorização dos conhecimentos tradicionais associados ao manejo da castanha. A expressiva participação de comunidades indígenas e produtores assentados sugere que o papel da cooperativa ultrapassa as atividades de beneficiamento e comercialização. Ao articular extrativistas, comunidades indígenas, assentados e compradores, a COOPAVAM atua como importante mecanismo de organização da produção e de redução de barreiras de acesso ao mercado. Esse aspecto é particularmente relevante em cadeias produtivas amazônicas, caracterizadas por grandes distâncias geográficas e limitações logísticas que frequentemente dificultam a inserção de pequenos produtores em mercados mais amplos. Nesse contexto, a atuação da cooperativa contribui para fortalecer a comercialização dos produtos da sociobiodiversidade e ampliar as oportunidades de geração de renda para as populações envolvidas (Santos, 2021).

Os dados obtidos indicam que a cadeia produtiva da castanha-do-Brasil exerce importante função socioeconômica na região, envolvendo assentados e comunidades indígenas em atividades que geram renda sem demandar a conversão da cobertura florestal nativa. A participação de aproximadamente 435 coletores evidencia o alcance regional da atividade extrativista e reforça sua relevância para a manutenção dos meios de vida de populações tradicionais rurais. Além disso, a predominância feminina nas atividades de beneficiamento sugere potencial contribuição para a inclusão produtiva e fortalecimento econômico das mulheres envolvidas na cooperativa.

Esse perfil revela que a cadeia produtiva da castanha-do-Brasil não se restringe à geração de renda, mas também se relaciona com formas locais de organização do trabalho, especialmente em comunidades rurais onde as oportunidades formais de emprego são limitadas. A presença de mulheres nas etapas de beneficiamento sugere que a cooperativa pode atuar como espaço de inclusão produtiva feminina, contribuindo para a autonomia econômica e para o fortalecimento da participação das mulheres em atividades associadas à sociobiodiversidade.

Cadeia produtiva

A cadeia produtiva da castanha-do-Brasil desenvolvida pela COOPAVAM no interior da floresta, onde os extrativistas realizam a coleta dos ouriços durante o período de safra. Conforme relatado pela entrevistada, parte dos coletores opta por retirar as sementes ainda no local da coleta, enquanto outros transportam os ouriços inteiros até seus lotes para posterior beneficiamento. Essa etapa evidencia a adaptação das estratégias de trabalho às condições logísticas e às distâncias percorridas pelos extrativistas. O transporte e armazenamento dos ouriços podem ser observados na Figura 3.



Figura 2 – Transporte do ouriço até o lote próximo a Reserva Legal do P.A Vale do Amanhecer.

Fonte: Acervo dos autores. 2026.

A coleta dos ouriços representa uma das etapas mais importantes da cadeia produtiva, não apenas pelo esforço físico envolvido, mas também pelo conhecimento ecológico necessário para identificar áreas produtivas e conduzir a atividade sem comprometer a regeneração natural da espécie. Segundo a entrevistada, parte dos frutos permanece na floresta, contribuindo para a dispersão de sementes e para a manutenção dos processos reprodutivos da castanheira-do-Brasil. Essa prática demonstra que o conhecimento tradicional associado ao extrativismo constitui elemento fundamental para a conservação dos recursos florestais (Souza et al. 2023).

Após a coleta, as sementes são encaminhadas à unidade industrial da cooperativa, onde passam pelas etapas de secagem e armazenamento. Inicialmente, as castanhas são submetidas à secagem em equipamento rotativo, reduzindo a umidade e contribuindo para a manutenção da qualidade do produto. Posteriormente, são armazenadas até o início do beneficiamento industrial.

As etapas de secagem e armazenamento, apresentadas na Figura 4, são fundamentais para garantir a qualidade sanitária das castanhas, uma vez que a redução da umidade contribui para minimizar processos de deterioração e preservar as características do produto durante o período de armazenamento (MAPA, 2012). A presença de uma estrutura industrial própria permite que parte do processamento seja realizada na própria cooperativa, agregando valor à matéria-prima antes da comercialização.



Figura 3 - Forno secador das amêndoas da castanha-do-Brasil. COOPAVAM.

Fonte: Acervo dos autores. 2026.

Na sequência, as castanhas são submetidas ao cozimento em autoclave para facilitar a retirada das cascas sem comprometer a integridade das amêndoas. Após nova secagem, ocorre a separação entre amêndoas inteiras e quebradas. As amêndoas fragmentadas são destinadas à produção de óleo, processo realizado por meio de prensagem mecânica (Figura 5).



Figura 4 – Máquina de prensagem das amêndoas quebradas para extração do óleo. Resíduo, farinha armazenado em saco plástico e transparente. COOPAVAM.

Fonte: Acervo dos autores. 2026.

O aproveitamento das amêndoas quebradas para produção de óleo e farinha demonstra uma estratégia eficiente de utilização da matéria-prima obtida durante o beneficiamento. Além de reduzir perdas ao longo do processo produtivo, essa prática amplia as possibilidades de comercialização e favorece os produtos da castanha-do-Brasil. Estudos recentes demonstram que os subprodutos gerados durante o processamento mantêm concentrações relevantes de nutrientes e compostos bioativos, podendo ser utilizados como ingredientes alimentícios e contribuindo para o aproveitamento integral dos recursos florestais (Vasquez-Rojas et al., 2021). Nesse contexto, o uso de subprodutos da castanha-do-Brasil está alinhado aos princípios da economia circular, permitindo transformar resíduos do processamento em produtos com potencial econômico e funcional. Abrantes et al. (2024) destacam que a farinha semidesengordurada proveniente da extração de óleo permanece rica em compostos bioativos e pode constituir matéria-prima para novos produtos, ampliando as oportunidades de geração de valor ao longo da cadeia produtiva.

A agregação de valor promovida pelo beneficiamento assume papel estratégico porque permite que parte dos benefícios econômicos permaneça na região de origem da matéria-prima. Em cadeias produtivas baseadas exclusivamente na venda de produtos in natura, grande parte do valor gerado tende a ser incorporada em etapas posteriores de processamento e comercialização. Nesse sentido, a produção de óleo e farinha representa não apenas uma diversificação de produtos, mas uma estratégia capaz de ampliar a participação dos produtores locais nos ganhos econômicos associados à castanha-do-Brasil (Guariguata et al., 2017).

Estudos voltados às cadeias produtivas da sociobiodiversidade destacam que processos de transformação, organização coletiva e agregação de valor podem ampliar a geração de renda, fortalecer a autonomia das comunidades envolvidas e contribuir para a conservação da biodiversidade. Nesse contexto, o beneficiamento realizado pela COOPAVAM representa uma estratégia que ultrapassa a simples comercialização da matéria-prima, favorecendo a retenção de benefícios econômicos na região e ampliando o potencial de desenvolvimento local associado ao uso sustentável dos recursos florestais (Saes et al., 2023; Oliveira Junior et al., 2026).

Sob a perspectiva da bioeconomia, observa-se que a cooperativa adota práticas que favorecem a agregação de valor e a diversificação dos produtos obtidos a partir da castanha-do-Brasil. Além da comercialização das amêndoas, o processamento possibilita a obtenção de óleo e farinha, ampliando a inserção da cooperativa em diferentes segmentos de mercado. De forma complementar, a intenção de utilizar futuramente os resíduos da casca para produção de

briquetes demonstra potencial para ampliar ainda mais o aproveitamento dos subprodutos, aproximando a cadeia produtiva de princípios relacionados à economia circular e à redução de desperdícios.

Sob a perspectiva da bioeconomia amazônica, iniciativas baseadas no uso sustentável da sociobiodiversidade têm sido apontadas como alternativas capazes de conciliar desenvolvimento econômico, inclusão social e conservação ambiental. Nesse contexto, a experiência da COOPAVAM demonstra como a organização coletiva e o beneficiamento da castanha-do-brasil podem promover a geração de renda, fortalecer arranjos produtivos locais e agregar valor à produtos florestais não madeireiros. Além disso, a dependência da atividade em relação a manutenção dos castanhais reforça a relação de interdependência entre conservação dos ecossistemas e desenvolvimento socioeconômico das comunidades envolvidas, aspecto considerado central para a consolidação das sociobioeconomias amazônicas (Garrett et al., 2024).

Produção anual e comercialização

Durante a safra de 2021–2022, a COOPAVAM adquiriu aproximadamente 470 toneladas de castanha-do-Brasil, remunerando os extrativistas com valor médio de R\$ 8,00 por quilograma. Segundo informações fornecidas pela presidente da cooperativa, cerca de 90% da produção comercializada teve origem em comunidades indígenas da região, enquanto os 10% restantes foram provenientes do Assentamento Vale do Amanhecer. A expressiva participação das comunidades indígenas evidencia que a cadeia produtiva da castanha-do-Brasil extrapola os limites da cooperativa e se estrutura a partir de uma ampla rede territorial. Além da contribuição econômica, estudos realizados na Amazônia demonstram que a coleta da castanha está associada à manutenção de conhecimentos ecológicos locais, transmitidos entre gerações por meio da convivência contínua com a floresta e das práticas de manejo desenvolvidas ao longo do tempo. Entre povos indígenas amazônicos, a atividade também tem sido relacionada à valorização cultural e à conservação dos castanhais, reduzindo a dependência de atividades potencialmente mais impactantes para os ecossistemas florestais (Pasa et al. 2016).

Após o beneficiamento, a cooperativa obteve aproximadamente 156 toneladas de amêndoas. Os produtos comercializados a partir desse processo incluem amêndoas in natura, óleo e farinha de castanha-do-Brasil, apresentados nas Figuras 6, 7 e 8.

Os produtos resultantes do beneficiamento incluem amêndoas comercializadas in natura, óleo de castanha-do-Brasil e farinha de castanha-do-Brasil.



Figura 5 - Amêndoa de castanha-do-Brasil.
Fonte: Disponível em www.coopavam.org.br



Figura 6 – Óleo de castanha-do-Brasil



Figura 8 – Farinha de castanha-do-Brasil
Fonte: Disponível em www.coopavam.org.br

A comercialização ocorre tanto no mercado nacional quanto internacional. Embora parte da produção seja destinada ao mercado local, a maior parcela é comercializada para diferentes regiões do Brasil e para países da Europa. Entre os compradores destacam-se empresas do setor alimentício e cosmético, como Natura e Beraca, que utilizam o óleo da castanha na formulação de produtos de higiene e beleza. As amêndoas in natura são destinadas a grandes redes varejistas e ao mercado externo, enquanto a farinha é empregada na fabricação de produtos alimentícios, como barras de cereais.

Os resultados demonstram que a COOPAVAM consolidou uma cadeia produtiva capaz de ultrapassar os limites do mercado regional, inserindo produtos oriundos do extrativismo amazônico em mercados nacionais e internacionais, fenômeno também descrito para outras cadeias produtivas da castanha-do-Brasil na Amazônia (Guariguata et al., 2017).

A predominância de matéria-prima proveniente de comunidades indígenas revela ainda a importância dessas populações para a manutenção da produção regional. Nesse contexto, a geração de renda encontra-se diretamente associada à conservação dos castanhais, uma vez que a atividade depende da manutenção da floresta em pé para garantir a continuidade da produção.

Diferentemente de atividades econômicas baseadas na conversão da cobertura florestal, o extrativismo da castanha estabelece uma relação positiva entre conservação ambiental e desenvolvimento econômico local.

Outro aspecto relevante refere-se à diversificação dos produtos obtidos durante o beneficiamento. A produção simultânea de amêndoas, óleo e farinha permite ampliar as possibilidades de comercialização e reduzir a dependência de um único mercado consumidor. Além disso, o aproveitamento de diferentes frações da matéria-prima contribui para aumentar a eficiência produtiva e agregar valor ao recurso extraído da floresta (Vasquez-Rojas et al., 2021).

A diversificação dos produtos obtidos a partir da castanha-do-Brasil também pode ser compreendida sob a perspectiva do aproveitamento integral da matéria-prima. Nesse modelo, resíduos e subprodutos gerados durante o processamento deixam de representar perdas econômicas e passam a constituir novas oportunidades de geração de renda (Abrantes et al., 2024).

A organização cooperativista parece ser um dos pontos centrais para a consolidação dessa cadeia produtiva ao reunir coleta, beneficiamento e comercialização, a COOPAVAM amplia a capacidade de negociação dos produtores e favorece o acesso a mercados que dificilmente seriam alcançados de forma individual. Nesse sentido, a cooperativa não atua apenas como unidade de processamento, mas como elo de articulação entre extrativistas, comunidades indígenas, assentados e compradores (Santos, 2001; Sodré, et al., 2023).

A obtenção de certificações relacionadas ao comércio justo (*Fair Trade*) representa um diferencial competitivo importante para a cooperativa. Além de ampliar o acesso a mercados mais exigentes e agregar valor aos produtos comercializados, estudos têm demonstrado que a certificação pode contribuir para o aumento da renda dos produtores e para o fortalecimento das organizações coletivas responsáveis pela comercialização da produção. Nesse sentido, a experiência da COOPAVAM reforça o potencial das certificações socioambientais como instrumentos capazes de associar valorização econômica, organização comunitária e inserção em mercados diferenciados (Sellare et al., 2020). Dessa forma, a experiência da COOPAVAM evidencia como iniciativas baseadas no cooperativismo e no uso sustentável da biodiversidade podem contribuir simultaneamente para a geração de renda, fortalecimento comunitário e conservação dos recursos naturais na Amazônia mato-grossense.

CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu descrever a cadeia produtiva da castanha-do-Brasil desenvolvida pela COOPAVAM e compreender sua importância para as populações envolvidas. Mais do que comercializar a matéria-prima, a cooperativa participa das etapas de beneficiamento, agregando valor ao produto e ampliando as possibilidades de comercialização em diferentes mercados.

A forte participação das comunidades indígenas no fornecimento da castanha demonstra que essa atividade está inserida em uma rede produtiva que envolve diferentes grupos sociais e conhecimentos construídos ao longo de gerações. Nesse sentido, a coleta da castanha não representa apenas uma fonte de renda para muitas famílias, mas também uma prática associada à manutenção de saberes tradicionais, à valorização cultural e ao uso sustentável dos recursos florestais.

Concluimos que os resultados também mostraram que o aproveitamento da castanha para a produção de amêndoas, óleo e farinha amplia as oportunidades de geração de renda e reduz a dependência da comercialização de um único produto. Somado à organização cooperativa e às certificações obtidas pela COOPAVAM, esse processo fortalece a inserção da

produção em mercados mais amplos e contribui para a valorização da sociobiodiversidade amazônica.

A experiência analisada demonstra que é possível associar geração de renda, organização comunitária e conservação ambiental em uma mesma cadeia produtiva. Nesse contexto, a castanha-do-Brasil se consolida como um recurso de grande importância para o desenvolvimento local e para a construção de alternativas econômicas baseadas no uso sustentável da floresta mato-grossense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARDNER, T.; COSTI, H. T. Carta do Editor. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Naturais, Belém, v. 9, n. 2, maio/ago. 2014

GARRETT R, FERREIRA J, ABRAMOVAY R, BRANDÃO J, BRONDIZIO E, EULER A, et al. Supporting socio - bioeconomies of healthy standing forests and flowing rivers in the Amazon. *Science* 473 Panel for the Amazon; 2023. Available from: <https://www.theamazonwewant.org/wp-474content/uploads/2023>.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Castanha-do-brasil: *Bertholletia excelsa* H.B.K. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (Série: Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável orgânico) – Brasília: MAPA/ACS, 49p, 2012.

MORI, S. A.; PRANCE, G. T. Taxonomy, ecology and economic botany of the Brazil nut (*Bertholletia excelsa*, Humb & Bonpl: Lecythidaceae). In: PRANCE, G. T.; BALICK, M. J. (Eds.). *New directions in the study of plants and people: research contributions from the Institute of Economic Botany*. New York: The New York Botanical Garden, 1990. v.8, p.130-150.

OLIVEIRA JUNIOR, R. C.; CAVALCANTE, E. A.; GUEDES, M. C.; SANTOS, D. B. *et al.* PHYSICAL AND CHEMICAL SOIL ATTRIBUTES IN NATIVE BRAZIL NUT GROVES IN EASTERN AMAZONIA: IMPLICATIONS FOR THE MANAGEMENT AND CONSERVATION OF THE BRAZIL NUT TREE. *REVISTA RGE INTERDISCIPLINAR*, São José dos Pinhais, v.17, n.5, p.1-17, 2026. Doi 10.56238/revgeov17n5-126

PASA, M. C.; DE DAVID, M. & PASA, C. Silvicultural activities in the forests of Mato Grosso. Brazil. *Flovet*. 2016. Pp. 77 – 88.

PASA, M. C.; ZURRA, R. M. O.; DAVID, M. CAMINHANDO COM OS RIBEIRINHOS PELA AMAZÔNIA. AM, BRASIL. Múltiplos Olhares sobre a Biodiversidade. v.5. EDUFMT. Cuiabá. MT. 2015. DOI: 10.29142/mosb5-30

POSEY, D. A. Indigenous ecological knowledge and development of the Amazon. In: MORAN, E. (Ed.). *The dilemma of Amazonian development*. Colorado: Westview Press, 1983. p. 225-257.

SANTOS, K. P. The women of castanha do Alto Cajari: empowerment by the solidarity economy. *Ambiente & Sociedade*. São Paulo. Vol. 24, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20200066r1vu2021L4AO>

SIMONI, J. A Revitalização do extrativismo: Práticas de economia solidária e sustentabilidade, *Boletim Mercado de Trabalho*. n.42, Ipea, p.49-53 fev.2010.

SELLARE, J., MEEMKEN, E. M.; KOUAMÉ, C. AND QAIM, M. Do Sustainability Standarts Benefit Small holder Farmers Also When Accounting For Cooperative Effects? Evidence From Côtêd'Ivoire. *Amer. J. Agr. Econ.* 102(2): 681–695, 2020. doi:10.1111/ajae.12015

SODRÉ, J. A.; RAMOS, E. G.; ROSALINA ALVES NANTES, R. A.; PAULA, L. C DE. A Cadeia de valor da Castanha-do-Brasil na Amazônia: Uma Análise Bibliográfica pela Teoria Institucional. *Revista Tópicos*. 2023. DOI: 10.70773/revistatopicos/779029638

VASQUEZ-ROJAS, W. V.; MARTÍN, D.; MIRALLES, B.; RECIO, I *et al.* Composition of Brazil Nut (*Bertholletia excels* HBK), Its Beverage and By-Products: A Healthy Food and Potential Source of Ingredients. *Foods* 2021, 10, 3007. <https://doi.org/10.3390/foods10123007>

PASA, M. C.; DE DAVID, M. & PASA, C. Silvicultural activities in the forests of Mato Grosso. Brazil. Flovet. 2016. Pp. 77 – 88.

POSEY, D. A. Indigenous ecological knowledge and development of the Amazon. In: MORAN, E. (Ed.). The dilemma of Amazonian development. Colorado: Westview Press, 1983. p. 225-257.